Max Paradox

PROBLEMA? RELAXA. VOCÊ DÁ CONTA!

Era só nesta semana que a compra seria maior

Como administrar o orçamento das compras domésticas quando os preços e o número de moradores mudam



Era só nesta semana que a compra seria maior

Como administrar o orçamento das compras domésticas quando os preços e o número de moradores mudam

Max Paradox

Rozwiąż swój problem z przymrużeniem oka

ISBN: 9788384909164

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 5

Capítulo 1 - Por que as compras sempre custam mais do que planejamos 11

Capítulo 2 - Quanto sua casa realmente custa? 22

Capítulo 3 - Os preços mudam mais rápido do que nossos hábitos 36

Capítulo 4 - A economia que não economiza 48

Capítulo 5 - A loja não precisa decidir por você 62

Capítulo 6 - Um orçamento compartilhado, hábitos diferentes 73

Capítulo 7 - Quando o planejamento das compras perde para a vida cotidiana 87

Capítulo 8 - Como montar um carrinho que permita várias combinações 100

Capítulo 9 - Como estabelecer um orçamento que realmente seja possível manter 113

Capítulo 10 - Das compras ao controle das despesas: um sistema simples de acompanhamento 126

Capítulo 11 - Compre apenas o que vocês realmente consomem 139

Capítulo 12 - Como adaptar as compras quando muda o número de moradores 151

Capítulo 13 - Como distribuir as compras ao longo do mês para não gastar tudo de uma vez 165

Capítulo 14 - Como encontrar o supermercado em que realmente vale a pena fazer compras 175

Capítulo 15 - O que fazer quando o orçamento deixa de fechar 187

Capítulo 16 - Como administrar as compras quando não há dinheiro suficiente para tudo 200

Capítulo 17 - Compras imprevistas: o que fazer quando a vida não conhece seu orçamento 215

Capítulo 18 - Como manter o orçamento organizado quando passa o entusiasmo inicial 226

Capítulo 19 - Quando é preciso escolher: como tomar decisões difíceis na hora de fazer compras 239

Capítulo 20 - Seu orçamento, suas regras: como fazer compras com bom senso pelos próximos anos 252

INTRO

Tudo começa de maneira bastante inocente. O leite está acabando na geladeira, o pão que sobrou sugere que alguém desenvolveu uma atividade gastronômica clandestina durante a noite, e no armário há meio pacote de macarrão cuja origem ninguém consegue explicar. Além disso, é preciso comprar algumas coisas para o almoço, algo para o café da manhã e aqueles produtos básicos que, afinal, deveriam estar sempre disponíveis em casa. Você vai ao supermercado com um plano bem definido. Gastará no máximo duzentos złotys, comprará o que realmente precisa e voltará sem despesas desnecessárias.

Quarenta minutos depois, você está diante do caixa, olhando para o valor total e tentando entender se, por acaso, acabou de comprar mantimentos para uma segunda residência. Não há nada particularmente luxuoso no carrinho. Nenhum champanhe, caviar ou conjunto completo para construir um restaurante particular. São produtos comuns, alguns legumes, laticínios, carne, produtos de limpeza e pequenas coisas que, dentro do supermercado, pareciam absolutamente indispensáveis. A conta, porém, sugere que sua família acaba de entrar em uma nova categoria tributária.

É nesse momento que surge um pensamento bastante conhecido: nesta semana, as compras serão um pouco maiores, mas na próxima tudo voltará ao normal.

Essa frase tem uma capacidade extraordinária de sobreviver ao tempo. Ela se repete durante semanas, meses e, às vezes, anos. As compras maiores deveriam ser uma exceção, os produtos adicionais deveriam durar bastante e

os gastos deveriam se estabilizar assim que aquela situação especial terminasse. Enquanto isso, a geladeira continua precisando ser abastecida, os moradores da casa continuam comendo e os preços aparentemente não participaram de nenhum acordo para respeitar nosso orçamento.

O problema é que as compras domésticas representam uma das partes mais variáveis das despesas do dia a dia. Não compramos sempre as mesmas coisas, nas mesmas quantidades e pelos mesmos preços. Em uma semana, todos estão em casa; na seguinte, alguém viaja, alguém retorna, aparece uma visita ou a rotina muda completamente. As crianças comem de maneira diferente durante as férias escolares e durante o período letivo. Os adultos têm horários, responsabilidades e hábitos distintos. Às vezes, conseguimos cozinhar regularmente. Em outras ocasiões, o planejamento do almoço perde a batalha para a realidade já na terça-feira, às cinco da tarde.

E ainda existem os preços. Um produto que até pouco tempo atrás comprávamos automaticamente de repente custa mais caro. Uma promoção incentiva a levar uma quantidade maior, a embalagem muda de tamanho e uma alternativa aparentemente mais barata acaba não sendo tão vantajosa quanto a etiqueta fazia parecer. Podemos ter a impressão de que estamos gastando praticamente o mesmo dinheiro, mas levando menos produtos para casa. Ou acontece o contrário: compramos mais porque alguma coisa está em promoção e só depois descobrimos que a economia ocupa metade do armário e começou a exigir condições próprias de moradia.

Nessas circunstâncias, administrar o orçamento das compras com a regra de "sempre gastar a mesma quantia" deixa rapidamente de funcionar. Estabelecer um valor fixo

pode ser um bom ponto de referência, mas não é uma fronteira mágica depois da qual a família deixa de precisar de comida. Quando o número de moradores muda, as necessidades também mudam. Quando os preços aumentam, o mesmo carrinho pode custar mais. Fingir que essas circunstâncias não existem não melhora a situação financeira. Apenas melhora o humor de uma planilha que continua apresentando números baseados em condições de vários meses atrás.

Por outro lado, não ter regra nenhuma também não resolve o problema. Quando fazemos compras seguindo apenas o humor do momento, a fome e a atratividade das embalagens, fica difícil descobrir depois para onde foi o dinheiro. As despesas se espalham por dezenas de pequenas decisões. Cada uma delas parece perfeitamente razoável quando tomada isoladamente, mas a soma final consegue surpreender até mesmo alguém que se considera bastante econômico.

Na maioria das vezes, tentamos resolver essa situação de duas maneiras. A primeira consiste em apertar o cinto. Estabelecemos um limite menor, decidimos comprar menos e prometemos ter mais disciplina. Durante alguns dias, tudo parece funcionar. Depois descobrimos que faltaram produtos básicos, precisamos fazer compras adicionais e parte das refeições planejadas deixou de ser viável. A economia acaba exigindo outra despesa, e começamos a suspeitar que nossa geladeira está envolvida em alguma operação de sabotagem.

A segunda estratégia é comprar para estocar. Se os preços podem subir, parece sensato aproveitar as promoções e reforçar os estoques. Isso pode fazer sentido em determinadas situações, mas somente quando sabemos

do que realmente precisamos, quanto conseguimos consumir e se temos espaço para armazenar tudo. Caso contrário, transformamos dinheiro em produtos que ficam esperando sua vez até perderem a validade. É difícil chamar de economia uma compra que acaba no lixo. Mesmo que o desconto obtido no caixa tenha sido impressionante.

Precisamos, portanto, de uma abordagem diferente. Uma abordagem que não parta do princípio de que todas as semanas serão iguais, os preços permanecerão estáveis e todos os moradores da casa comerão exatamente a quantidade prevista no planejamento de domingo. O orçamento das compras deve nos ajudar a tomar decisões, e não nos obrigar a fingir que a vida funciona de acordo com uma tabela.

Neste livro, vamos tratar as compras como parte de um sistema financeiro doméstico que pode ser acompanhado, ajustado e adaptado. Você aprenderá a distinguir despesas regulares de gastos excepcionais, identificar o custo real do carrinho e avaliar se uma promoção realmente representa uma vantagem. Vamos analisar como planejar as compras quando o número de moradores varia, como considerar as mudanças de preços e como estabelecer limites que façam sentido na prática, em vez de apenas parecerem bonitos quando anotados em uma folha de papel.

Também vamos prestar atenção ao que acontece entre uma compra e outra. Porque o orçamento não termina no momento em que pagamos pelos produtos. Importa igualmente aquilo que já temos em casa, o que realmente consumimos, o que acaba desperdiçado e por que tantas vezes compramos novamente algo que provavelmente está em algum lugar da terceira prateleira, atrás de um pote cujo conteúdo tem identidade desconhecida.

Não vamos fingir que existe um valor ideal e universal para as compras de qualquer família. Um limite assim seria tão útil quanto um único par de sapatos em um tamanho que servisse a todos os habitantes de um país. O que importa são a renda, o local onde moramos, o número de pessoas, suas necessidades, os hábitos alimentares, a disponibilidade de supermercados e muitas outras circunstâncias. Em vez de comparar nossas despesas com as de outras pessoas, aprenderemos a avaliar nossos próprios gastos e tomar decisões com base em dados reais.

Também será importante aceitar que nem todos os meses podem terminar com resultados idênticos. Às vezes, gastaremos mais porque os moradores passaram mais tempo em casa. Em outras ocasiões, será necessário reabastecer os estoques ou comprar uma quantidade maior de produtos que acabaram justamente naquele período. Isso não significa automaticamente que fracassamos. O problema começa quando não sabemos por que gastamos mais, se a despesa foi justificada e como ela afetará as semanas seguintes.

Você não precisa de um doutorado em economia, três aplicativos, cinco fichários coloridos ou uma reunião familiar na qual cada pessoa tenha que justificar o consumo do último iogurte. Precisa de algumas regras simples, um pouco de regularidade e uma visão honesta de como sua casa realmente funciona.

O mais importante é que o orçamento ajude você a recuperar o controle, em vez de se transformar em mais uma obrigação impossível de manter. Não se trata de interrogar cada złoty diante de uma comissão de investigação. Trata-se de saber quanto você pode gastar,

com o que está gastando e o que fazer quando a realidade decidir, mais uma vez, mudar as regras do jogo.

Porque as compras realmente deveriam ser maiores apenas nesta semana. Mas, já que essa semana aparentemente decidiu ficar conosco por mais tempo, chegou a hora de aprender a administrá-la de verdade.

Capítulo 1 - Por que as compras sempre custam mais do que planejamos

Existe um momento do mês em que começamos a suspeitar que nosso dinheiro está desaparecendo de maneira organizada. Não houve nenhuma compra espetacular, ninguém comprou uma televisão nova, não aconteceu nenhuma viagem espontânea nem uma reforma no banheiro. Nada aconteceu que pudesse ser apontado como o principal suspeito. Ainda assim, a conta bancária parece indicar que alguém organiza pequenas festas regularmente com o nosso dinheiro, para as quais o próprio dono da conta não foi convidado.

Basta consultar o histórico de transações. Segunda-feira - supermercado. Terça-feira - padaria. Quarta-feira - loja de produtos de higiene e limpeza. Quinta-feira - supermercado novamente, porque algumas coisas acabaram. Sexta-feira - compras depois do trabalho, porque não houve tempo para preparar nada com antecedência. Sábado - uma reposição maior dos estoques. Domingo - mais uma comprinha rápida, que deveria ser a última. Cada transação parece razoável. Nenhuma delas parece particularmente perigosa para o orçamento doméstico. Somente quando somamos tudo descobrimos que o bom senso, aparentemente, estava trabalhando em parcelas.

É justamente por isso que controlar o orçamento das compras pode ser mais difícil do que parece inicialmente. Não temos uma única despesa grande, fácil de identificar e controlar. Temos muitas decisões menores, tomadas em circunstâncias diferentes, por pessoas diferentes e, frequentemente, sem que ninguém saiba exatamente quanto

dinheiro já foi gasto. Além disso, as compras não são algo que possamos simplesmente riscar da agenda. Precisamos fazê-las mesmo quando estamos sem vontade, sem tempo ou sem qualquer simpatia pelos preços praticados naquele momento.

A armadilha do cupom fiscal isolado

Um dos erros mais comuns é avaliar as despesas com base em uma única ida ao supermercado. Voltamos para casa com uma sacola de produtos e um cupom fiscal de 180 złotys. Consideramos que foi bastante dinheiro, mas, afinal, compramos coisas para vários dias. No dia seguinte, gastamos mais 40 złotys com alguns produtos que estavam faltando. Dois dias depois, outros 60 złotys. Não consideramos esses valores como partes de uma única despesa, porque cada transação teve uma justificativa diferente.

Entretanto, o orçamento doméstico não está interessado em saber se compramos tudo durante uma única visita ou se dividimos as compras entre seis estabelecimentos diferentes. Para o nosso bolso, o que importa é a soma. É uma regra simples, mas suas consequências podem surpreender. Podemos ter a sensação de que fazemos apenas pequenas compras e, ao mesmo tempo, ultrapassar regularmente o limite estabelecido.

Imagine uma família que planeja gastar aproximadamente mil złotys por mês com compras. A primeira compra maior custa 320 złotys. Parece que a situação está sob controle. Depois aparecem três visitas menores, com despesas de 70, 85 e 55 złotys. Em seguida, é necessário repor os estoques por 180 złotys, comprar produtos para preparar o almoço por mais 90 złotys e adquirir produtos de limpeza por 120

złotys. Nesse momento, as despesas já chegam a 990 złotys, embora o mês talvez esteja apenas na metade.

Ninguém precisa ser particularmente consumista para chegar a essa situação. O problema é que planejamos uma única categoria de despesas, mas, na prática, tomamos várias decisões independentes sem acompanhar o custo total delas.

Por isso, a primeira mudança deve ser abandonar a ideia de que as compras são visitas isoladas ao supermercado. Precisamos observar todo o período de referência. Se estabelecemos um orçamento semanal, incluímos nele todas as compras daquela semana. Se o orçamento é mensal, somamos as despesas desde o primeiro até o último dia do mês, independentemente da quantidade de cupons fiscais.

Também vale lembrar que um único cupom fiscal de valor elevado não precisa representar um problema maior do que cinco cupons pequenos. Às vezes, uma compra grande é simplesmente mais organizada. Compramos produtos necessários para vários dias, em vez de voltar repetidamente à loja para buscar uma coisa de cada vez. Portanto, não devemos considerar automaticamente as compras grandes como ruins e as pequenas como seguras. O custo total do período e o conteúdo do carrinho é que devem determinar nossa avaliação.

Quando as compras de supermercado deixam de ser apenas compras de supermercado

Outra fonte de confusão é a falta de uma divisão clara entre diferentes tipos de despesas. Entramos no supermercado para comprar produtos para o almoço, mas aproveitamos para levar detergente, papel higiênico, pasta de dente, pilhas e algum produto de higiene pessoal. Tudo

aparece no mesmo cupom fiscal. Quando chegamos em casa, registramos o valor inteiro como despesa com alimentação.

Algumas semanas depois, analisamos o orçamento e concluímos que o custo dos alimentos aumentou drasticamente. Entretanto, parte do dinheiro foi destinada a produtos que não têm nenhuma relação com o preparo das refeições. As despesas são reais, mas sua classificação está errada.

Não precisamos criar dezenas de categorias e administrar nossa contabilidade com precisão de uma única fatia de manteiga. Basta decidir o que pertence ao orçamento básico das compras domésticas e quais despesas queremos acompanhar separadamente.

Uma divisão prática pode ser assim:

- Alimentos e bebidas - produtos destinados ao preparo das refeições e ao consumo diário.
- Produtos de limpeza doméstica - materiais de limpeza, detergentes, papel e produtos para a manutenção da casa.
- Higiene pessoal - cosméticos básicos, pasta de dente, xampus e artigos semelhantes.
- Compras adicionais - doces, petiscos, produtos ocasionais e itens que não faziam parte do planejamento básico.

Não existe uma única divisão obrigatória. Em uma casa, os produtos de higiene serão comprados junto com os alimentos e contabilizados no mesmo orçamento. Em outra, a família preferirá acompanhar detalhadamente as despesas com alimentação e, por isso, separará os produtos de

limpeza e os cosméticos. As duas possibilidades são válidas, desde que as regras permaneçam consistentes.

A pior decisão seria mudar a classificação de acordo com o resultado que queremos apresentar. Quando as despesas com alimentação ficam altas, transferimos alguns produtos para a categoria de despesas domésticas. Quando os produtos de limpeza ultrapassam o limite, começamos a incluí-los nas compras de supermercado. Dessa maneira, não estamos administrando o orçamento, mas praticando uma contabilidade criativa cujo único destinatário é a nossa própria consciência.

Também é importante separar as despesas com alimentos daquelas relacionadas a refeições feitas fora de casa, caso queiramos descobrir quanto realmente custa abastecer nossa residência. Uma refeição comprada durante um passeio pode pesar no orçamento alimentar, mas seu custo e sua natureza são diferentes dos de uma compra de ingredientes para preparar vários almoços. Podemos combinar essas categorias se esse for nosso objetivo, mas precisamos saber exatamente o que estamos medindo.

Por que a semana excepcional dura o mês inteiro

As compras domésticas têm outra característica importante: seus valores não são distribuídos de maneira uniforme. Em uma semana, gastamos pouco porque temos produtos armazenados. Na seguinte, precisamos comprar várias coisas que acabaram praticamente ao mesmo tempo. Depois chega o momento de repor os produtos de limpeza, comprar uma quantidade maior de carne ou adquirir itens que costumamos comprar com menos frequência.

Se olharmos apenas para uma semana, poderemos chegar a conclusões equivocadas. Consideraremos uma

semana de 250 złotys um exemplo de sucesso e a seguinte, na qual gastamos 550 złotys, uma prova de que perdemos o controle. Entretanto, a segunda semana pode ter incluído a reposição de produtos comprados apenas uma vez a cada várias semanas.

Imagine uma família que compra um estoque maior de produtos básicos no início do mês. Na primeira semana, gasta 600 złotys. Na segunda, 280 złotys; na terceira, 310 złotys; e, na quarta, 290 złotys. O total é de 1.480 złotys. Se a família tratasse a primeira semana como um novo padrão, poderia aumentar desnecessariamente o orçamento planejado. Se, por outro lado, considerasse aquela semana apenas um período de compras malsucedidas, poderia começar a restringir as despesas nos períodos seguintes, embora o custo total não tenha resultado de um erro isolado.

Por isso, precisamos distinguir as compras regulares da reposição periódica dos estoques. Não se trata de criar orçamentos separados para cada tipo de produto, mas de identificar por que determinada semana foi mais cara.

É útil fazer três perguntas:

1. Compramos mais porque consumimos uma quantidade maior de produtos do que normalmente?
2. Compramos mais porque os preços estavam mais altos?
3. Compramos mais porque precisávamos repor os estoques de uma só vez?

Naturalmente, as respostas podem se combinar. Se mais pessoas passaram a semana em casa e, além disso, vários produtos básicos acabaram, a conta mais alta tem duas causas justificáveis. O simples fato de ultrapassar o limite semanal ainda não nos diz se alguma coisa deu errado.

Compras que ninguém planejou

Nem todas as despesas resultam de necessidades previamente planejadas. Algumas aparecem porque vemos algo interessante durante as compras, lembramos de um produto que talvez seja útil ou reagimos a uma necessidade momentânea. Às vezes, compramos coisas por motivos perfeitamente razoáveis, mas em quantidades inadequadas. Em outras ocasiões, tomamos uma decisão simplesmente porque determinado produto está em promoção.

As compras apresentadas como oportunidades de economia são especialmente traiçoeiras. Vemos uma promoção de um produto que usamos regularmente e compramos várias embalagens. Se realmente vamos utilizá-las em um prazo razoável e o preço é vantajoso, pode ser uma boa decisão. Entretanto, quando compramos alguma coisa apenas porque está mais barata, começamos a confundir preço baixo com despesa baixa.

Um produto que custa 12 złotys e está em promoção, tendo sido reduzido de 18 złotys, não significa que economizamos 6 złotys. Só economizamos essa quantia em comparação com uma situação na qual compraríamos exatamente o mesmo produto pelo preço normal. Se antes nem sequer planejávamos comprá-lo, gastamos 12 złotys adicionais. Essa é uma diferença que vale a pena compreender.

Isso não significa que devemos evitar as promoções. Significa que precisamos verificar se elas atendem a uma necessidade real. Uma boa oportunidade não deixa de ser boa apenas porque não estava planejada, mas sua vantagem deve ser avaliada pelo uso posterior do produto, e não pela etiqueta vermelha na prateleira.

Também vale observar como o momento em que tomamos decisões influencia nossas despesas. Compras

feitas com pressa, depois de um longo dia ou sem qualquer ideia do que preparar para as refeições tendem a terminar em escolhas aleatórias. Isso não acontece por falta de caráter. Quando estamos cansados, é mais fácil escolher soluções disponíveis imediatamente, mesmo que sejam mais caras ou menos bem pensadas. O planejamento não precisa eliminar a espontaneidade, mas deve reduzir as situações em que cada decisão exige que reconsideremos todo o abastecimento da casa.

Afinal, quem faz as compras?

Em uma família, normalmente mais de uma pessoa gasta dinheiro. Mesmo quando alguém é responsável pela maior parte das compras, os outros moradores podem comprar pão, petiscos, bebidas ou produtos necessários naquele momento por conta própria. Além disso, existem compras pela internet, entregas em domicílio e visitas ocasionais a estabelecimentos que ninguém considera como parte do abastecimento principal.

Como resultado, a pessoa responsável pelo planejamento pode desconhecer o valor total das despesas. Ela vê seus próprios cupons fiscais e conclui que tudo está dentro do previsto. Enquanto isso, outra pessoa acrescenta mais algumas dezenas de złotys por semana.

Não faz sentido resolver esse problema tentando controlar cada transação dos outros moradores. Uma solução muito mais eficaz é estabelecer uma regra comum: todas as despesas pertencentes ao orçamento das compras devem estar visíveis em um único lugar. Não precisam ser registradas imediatamente depois de cada visita ao supermercado, mas devem ser incluídas no fechamento do período.

Se todos aproveitam as compras, o orçamento também precisa ser compreensível para todos. Ele não pode existir apenas na cabeça da pessoa que se lembra de que, naquela semana, já compramos dois pacotes de café e não precisamos do terceiro. Os demais moradores não têm a obrigação de ler pensamentos nem de conhecer de memória a situação atual da geladeira.

Também vale combinar o que é uma compra compartilhada e o que é uma despesa pessoal. Se um dos moradores compra regularmente produtos exclusivamente para si, eles podem ser contabilizados separadamente. Isso nem sempre é necessário, mas, em algumas famílias, ajuda a evitar uma situação na qual uma pessoa acaba sendo responsabilizada por todas as despesas, embora nem todas as necessidades sejam compartilhadas.

Antes de começar a economizar, descubra quanto você realmente gasta

A primeira tarefa não deveria ser reduzir o orçamento. Deveria ser conhecer a maneira como o dinheiro realmente está sendo gasto. Isso pode parecer pouco empolgante, mas ajuda a evitar um dos erros mais caros: tentar reduzir despesas que não são, de fato, a principal origem do problema.

Durante as próximas duas a quatro semanas, registre todas as compras pertencentes à categoria que você definiu. Ainda não mude seus hábitos apenas para conseguir um resultado mais bonito. Se normalmente faz compras em vários estabelecimentos, continue fazendo isso. Se aparecem visitas adicionais ao supermercado, inclua-as. O objetivo é conhecer a realidade, e não organizar uma competição para descobrir quem é o consumidor mais disciplinado.

Para cada transação, registre a data, o valor e a natureza geral das compras. Algumas classificações simples são suficientes: alimentos, produtos de limpeza, higiene e compras adicionais. Se fizer uma compra maior, pode indicar que ela incluiu a reposição dos estoques. Não é necessário transcrever o cupom fiscal inteiro nem analisar o preço de cada cenoura.

No final de cada semana, some as despesas. Observe a quantidade de visitas aos estabelecimentos, a participação das compras adicionais e as situações que provocaram gastos não planejados. Depois de algumas semanas, você começará a perceber relações que não seriam visíveis durante uma única visita ao supermercado.

Talvez descubra que o maior problema são as pequenas compras frequentes. Talvez uma parte considerável do dinheiro desapareça em produtos adquiridos durante promoções e que depois não são utilizados. Também é possível que não exista nenhum mecanismo particularmente preocupante e que o limite estabelecido anteriormente tenha sido simplesmente calculado com base em preços desatualizados e necessidades diferentes dos moradores.

Cada uma dessas situações exige uma abordagem diferente. Não faz sentido restringir as compras adicionais se a maior parte do orçamento é consumida por produtos básicos. Também não faz sentido responsabilizar os preços por todas as despesas se uma parcela significativa corresponde a coisas que nunca planejamos comprar.

O mais importante é ser honesto com os próprios dados. Se gastamos mais, precisamos saber por quê. Se compramos demais, devemos identificar quais produtos e decisões estão causando o problema. Se o orçamento é insuficiente, precisamos aceitar esse fato, em vez de tentar

provar a nós mesmos, semana após semana, que desta vez certamente vai dar certo.

O orçamento doméstico das compras não é uma avaliação do nosso caráter. Ele não diz se somos sensatos, econômicos ou suficientemente organizados. É uma ferramenta destinada a mostrar, em números, como funciona o cotidiano da nossa casa.

E é exatamente por aí que devemos começar. Antes de decidir gastar menos, descubra com o que realmente está gastando. Caso contrário, você poderá passar um mês inteiro combatendo o problema errado e depois descobrir, com satisfação, que nenhuma economia apareceu porque, desde o início, estava perseguindo o suspeito errado.

Capítulo 2 - Quanto sua casa realmente custa?

Existem duas maneiras de responder à pergunta sobre quanto custam as compras domésticas. A primeira é rápida e geralmente vale muito pouco. Consiste em mencionar um valor que parece razoável, por exemplo, 1.200 złotys por mês. A segunda exige um pouco mais de reflexão, mas oferece um ponto de partida muito melhor: verificar quanto dinheiro a família realmente gasta, quantas pessoas utilizam essas compras e quais circunstâncias influenciam o valor final da conta.

A diferença é fundamental. Um valor estabelecido intuitivamente descreve nossa ideia sobre as despesas. Um valor baseado em observações descreve a realidade. E é justamente com a realidade que precisaremos trabalhar daqui em diante.

Muitas pessoas estabelecem o orçamento das compras com base em suas próprias convicções, experiências antigas ou valores de que se lembram dos meses anteriores. Às vezes, utilizam como referência os gastos de amigos. Alguém comenta que uma família de quatro pessoas consegue viver com determinada quantia, então concluímos que também deveríamos conseguir. Entretanto, não sabemos quais produtos essa família compra, onde faz suas compras, quantas refeições prepara em casa, se inclui produtos de limpeza no orçamento e com que frequência os moradores ficam fora de casa.

Comparar apenas os valores pode, portanto, ser bastante enganoso. Duas famílias com a mesma quantidade de pessoas podem ter necessidades completamente diferentes.

Uma passa a maior parte do dia fora de casa e prepara principalmente o jantar. Outra faz todas as refeições em casa. Uma compra grandes quantidades de produtos uma vez por semana, enquanto outra repõe regularmente seus estoques. Uma tem crianças em uma idade na qual as necessidades alimentares podem mudar mais rapidamente do que o tamanho das roupas. A outra é composta exclusivamente por adultos.

Por isso, em vez de procurar um valor universal, precisamos construir nosso próprio ponto de referência.

O número de moradores é apenas o começo

Seria muito mais fácil presumir que o custo das compras cresce proporcionalmente ao número de pessoas. Duas pessoas precisam de determinada quantidade de produtos, quatro pessoas precisam do dobro e seis pessoas precisam do triplo. A matemática parece perfeita, mas a vida doméstica nem sempre está disposta a colaborar com um modelo tão elegante.

Em muitas casas, parte das despesas é compartilhada independentemente da quantidade de moradores. Não compramos uma embalagem separada de detergente para cada integrante da família. Não precisamos de quatro garrafas diferentes de óleo, quatro pacotes de sal ou quatro detergentes apenas porque quatro pessoas vivem sob o mesmo teto. Alguns produtos são consumidos mais rapidamente quando há mais moradores, mas outros continuam representando uma despesa compartilhada.

O mesmo acontece com a alimentação. Uma família de quatro pessoas não necessariamente consome o dobro de uma família de duas. Muito depende da idade, do nível de atividade, das preferências, da quantidade de refeições

preparadas em casa e de todos comerem ou não os mesmos alimentos.

Por isso, vale a pena observar quem realmente utiliza os produtos comprados para a casa. O endereço de residência ou o número de pessoas registrado em documentos não nos diz tudo. O que importa é a presença efetiva na residência e a maneira como cada pessoa utiliza os recursos domésticos.

Por exemplo, em uma casa vivem dois adultos e uma criança. Os adultos trabalham fora, e a criança passa parte do dia na escola. Em outra casa também vivem dois adultos e uma criança, mas todos passam a maior parte do tempo em casa. As duas famílias têm três moradores, mas suas necessidades de compras podem ser bastante diferentes.

Uma situação ainda mais interessante aparece quando a quantidade de pessoas que permanecem regularmente em casa muda. Uma criança passa parte da semana com o outro responsável. Um adulto trabalha temporariamente fora de sua cidade de residência. Alguém volta para a casa dos pais por algumas semanas. Aparecem visitas que acabam ficando por mais tempo. Cada uma dessas situações pode alterar o consumo de produtos, embora o número oficial de moradores permaneça o mesmo.

Por isso, um bom começo é fazer uma breve descrição da composição e da rotina da casa. Não precisa ser um documento nem um perfil alimentar detalhado. Basta identificar:

- Quantas pessoas utilizam regularmente as compras domésticas?
- Quem permanece em casa durante a maior parte do dia?
- A quantidade de moradores muda ao longo da semana ou do mês?

- Quantas refeições, em média, são preparadas em casa?
- Alguém possui necessidades específicas de consumo que influenciam significativamente as despesas?

A última pergunta é importante porque as necessidades nem sempre são distribuídas igualmente. Alguns produtos são comprados para todos, enquanto outros são destinados a uma pessoa específica. Se uma criança precisa regularmente de determinados produtos e um dos adultos tem hábitos alimentares diferentes, não devemos fingir que todos os carrinhos de compras são iguais.

Esse reconhecimento nos ajuda a entender por que o orçamento de outra família não precisa ser uma referência adequada para a nossa.

A casa tem seu próprio ritmo, e as compras precisam acompanhar esse ritmo

A quantidade de moradores é apenas uma parte da questão. Igualmente importante é saber como a presença dessas pessoas se distribui ao longo da semana. Uma família não funciona separada do calendário. Existem dias em que todos fazem as refeições em casa e outros em que a maioria come fora. Existem semanas de aulas, férias escolares, períodos de descanso e meses nos quais a rotina de trabalho muda por motivos profissionais.

Imagine uma família que mantém uma rotina relativamente estável durante a maior parte do ano. Os adultos saem para trabalhar pela manhã, a criança vai para a escola e a refeição compartilhada acontece principalmente à noite. Durante as férias escolares, a situação muda. A criança passa mais tempo em casa, aparecem cafés da manhã, almoços e lanches adicionais. De repente, o consumo de pão, frutas, laticínios e outros produtos aumenta. A família

não precisa comprar produtos mais luxuosos nem mudar seus hábitos. Simplesmente passa a preparar mais refeições em casa.

Se, durante esse período, tentarmos manter exatamente o mesmo limite de gastos, poderemos concluir que as compras saíram do controle. Entretanto, o que realmente mudou foram as condições de funcionamento da casa.

Uma boa maneira de compreender essa relação é observar os chamados dias em casa. Não precisamos fazer cálculos complicados sobre cada período de presença dos moradores. Basta verificar aproximadamente com que frequência eles consomem refeições preparadas em casa.

Podemos perceber, por exemplo, que durante uma semana normal preparamos a maioria dos almoços para três pessoas durante cinco dias, enquanto nos fins de semana cozinhamos para toda a família. Em outra semana, todos ficam em casa durante os sete dias. Naturalmente, essa semana exigirá uma quantidade maior de produtos.

Se quisermos comparar os períodos com mais precisão, podemos utilizar um indicador simples chamado pessoa-dia. Uma pessoa-dia representa uma pessoa utilizando o abastecimento doméstico durante um dia. Três pessoas permanecendo em casa durante sete dias correspondem a 21 pessoas-dias. Se uma delas viajar durante dois dias, o total passa a ser 19 pessoas-dias.

Esse não é um indicador preciso da quantidade de alimentos consumidos. Uma criança, um adulto e uma pessoa com necessidades completamente diferentes não consomem quantidades idênticas de produtos. O indicador também não considera as diferenças entre refeições feitas em casa e refeições realizadas fora. Ainda assim, pode

ajudar a perceber que duas semanas com despesas semelhantes não necessariamente tiveram condições semelhantes.

Por exemplo: na primeira semana, gastamos 500 złotys com 21 pessoas-dias. Na segunda, também gastamos 500 złotys, mas um dos moradores ficou ausente durante a maior parte da semana, reduzindo o total para 15 pessoas-dias. A segunda semana foi relativamente mais cara quando consideramos a presença dos moradores. Vale verificar se isso aconteceu porque precisamos repor mais produtos, compramos itens diferentes ou simplesmente distribuímos as compras de maneira desigual entre os períodos.

Não precisamos fazer esse cálculo todas as semanas. O indicador deve servir para explicar diferenças, e não para criar mais uma obrigação que acabará desenvolvendo vida própria.

Preço, quantidade e composição do carrinho são três coisas diferentes

Quando a conta aumenta, frequentemente dizemos simplesmente: tudo ficou mais caro. Isso pode ser verdade, mas nem sempre explica toda a mudança. O custo das compras depende de pelo menos três elementos: os preços dos produtos, as quantidades compradas e a composição do carrinho.

O primeiro elemento é o mais evidente. Se um produto custava 5 złotys e agora custa 6 złotys, pagamos mais pela mesma quantidade. O segundo aparece quando compramos uma quantidade maior do produto do que antes. O terceiro acontece quando muda aquilo que colocamos no carrinho. Podemos comprar menos produtos baratos e mais produtos